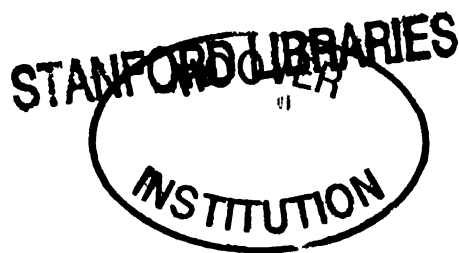
2.ª REEDIÇÃO
A Campanha
d'Africa
CONTADA PELO
MAJOR ROÇADAS
E OUTROS GUERREIROS
Grandes victorias dos portuguezes — As nossas forças compõem-se de infantaria, marinha, cavallaria, e artilharia; passam fome e sêde, e combatem a descoberto — Metralhadoras — As granadas — Os cuamatas usam a polvora sem fumo e balas explosivas; escondem-se no matto, nas arvores e no capim — Os nossos, para resistir, entrincheiram-se em saccos de terra — Derrota dos negros, dentro do matto, pelos dragões — O 2.º esquadrão, 12 horas a cavallo, sem comer e beber! — Focos electricos indicam o inimigo — Os Cuamatas lançam fogo ao matto para cercar a columna — Derrota dos pretos nas cacimbas — Dez Cuamatas para um portuguez! — Combates de Mufilo, Aucongo, Damequero e Cuamato — Os despojos do desastre de 1904.
ESCRIPTORIO DE PUBLICAÇÕES
DE FERREIRA DOS SANTOS
Rua Formoza, 384
PORTO
DT
611
C264
1908

2.ª REEDIÇÃO

A CAMPANHA D'AFRICA

OU A

GUERRA COM OS CUAMATAS

Contada por um soldado e varios officiaes

PORTO
ESCRIPTORIO DE PUBLICAÇÕES
DE J. FERREIRA DOS SANTOS — EDITOR
RUA FORMOSA, 384

A Campanha d'Africa em 1907

Partida da expedição

Como se sabe, a companhia d'infanteria 12, expedicionaria ao sul d'Angola e que tomou parte activa contra os cuamatos, embarcou em Lisboa no paquete «Luzitania» no dia 1 de junho, sob o commando do snr. capitão Francelino Pimentel, tendo como subalternos os snrs. tenentes Augusto M. Farinha, Beirão, Esteves de Figueiredo, Borges Bicudo, Francisco Passos, os primeiros sargentos Grillo, Augusto, Marreiros, Dias, Cardoso e Villaça, e 244 cabos, soldados e corneteiros. Na mesma occasião, embarcou tambem o snr. capitão Henrique de Paiva Couceiro, que ia governar a provincia de Angola, na vaga deixada pelo fallecimento do tenente coronel Eduardo Costa.

No dia 3 aportavamos á Madeira (Funchal) e em 13 estavamos em S. Thomé.

A 16, pelas 10 horas da manhã, ancoravamos em S. Thomé. A bordo vieram cumprimentar o snr. Paiva Couceiro, as auctoridades, altos funccionarios e commerciantes, como é da praxe, e no dia 17, sua ex.ª desembarcava ás 8 horas da manhã.

Os navios da divisão embandeiraram em arco e salvaram junto com a fortaleza de S. Miguel com 21 tiros, bem como um cruzador allemão ancorado na bahia.

Bello e novo espectaculo para mim, principalmente com aquella paizagem por fundo. Que magnifico e verde panorama!

Depois do navio desembarcar a carga que levava, levantou ferro, pelas 10 horas da noite, com destino ao Lobito, onde fundeavamos em 18, ás 3 e meia da tarde, retomando a marcha ás 7 horas da noite.

No dia 19 de manhã, acordamos sobresaltados ao ouvir a «sereia» de bordo. Um nevoeiro muito denso obrigava o commandante a tomar todas as precauções, tanto mais que estavamos proximo de terra. A cerração, ao meio dia, havia diminuido consideravelmente, permittindo-nos o andamento, e uma hora depois estavamos em Mossamedes, onde recebiamos a visita de saude.

Em Africa

Estavamos todos tão bem dispostos, apesar das grandes saudades que levavamos da nossa terra, que nem um deixou de se achar na tolda, prompto á primeira voz, para o desembarque, em dois grandes lanchões carregados para nos conduzirem á ponte, sendo preciso a gente agarrar-se aos ferros da tal ponte para desembarcar, porque a maré estava na vazante.

A bordo a charanga executava o hymno nacional, e os passageiros diziam-nos adeus com os lenços. Emfim, fizemos de macacos no desembarque, o que não admirava, porque estavamos já bem em Africa.

Na ponte esperava-nos a banda militar, e, depois

da companhia formar em columna por pelotões, marchamos acompanhados da banda. Em seguida á apresentação na secretaria do governo, fomos alojar-nos, uns na fortaleza e outros na camara municipal.

Gostei da cidade, tendo pena de me não haver demorado mais tempo ali, pois que, no dia 22, marchavamos para o districto da Huilla (Chibia), tendo antes d'isso havido os indispensaveis preparativos para a marcha e que foram bem diminutos, porque poucos haviam feito marchas d'aquellas. No emtanto, os snrs. officiaes e sargentos foram incansaveis para nos fornecerem todo o preciso e remediarem todas as faltas. Tiveram um trabalhão.

Partida para o interior

Emfim, a secção de quarteis partiu no dia 21, de manhã, e no dia 22, como já disse, ás 8 horas, a companhia formou na fortaleza com a banda de musica á frente. Momentos depois marchavamos da fortaleza e feita a apresentação ao governador, seguimos para a estação do caminho de ferro, onde estavam já dois comboios preparados.

Grande numero de officiaes, commerciantes, emfim, muitas pessoas, foram á despedida.

Ás 9 horas, o silvo da locomotiva dava o signal da partida ao som do hymno nacional. E, se os olhos de muitos se enchiam de lagrimas, tambem aos meus ellas não faltaram.

Ás 2 da tarde chegavamos ao kilometro 73, onde deviamos descer, tendo gasto 5 horas, porque aquelle comboio parecia um carro de bois, santo Deus! No caminho passamos pelas magnificas «fazendas» do snr. vis-

conde de Giraul e por um grande areal que, se tivessemos que atravessar a pé... teria «dado agua pela barba», e, mal por mal, antes o comboio.

Logo que desembarcamos, ensarilhamos armas, e de um barracão da linha de *etapes* da columna dirigida pelo snr. tenente Saraiva, da administração militar, forneceram-nos um rancho de chouriço cozido, bolacha e 6 decilitros de vinho.

Ao caír da tarde proseguimos a marcha até o Chacuto, passeio pouco appetitoso, por ser o primeiro que faziamos e a estrada de areia estar muito *quida*, acampando ás 9 e meia da noite.

Na manhã de 23, ás 5 e meia da manhã, continuamos a marchar, mas a sêde ia, pouco a pouco, apoderando-se de nós, e a areia da estrada parecia obrigar-nos a andar para traz.

Todos se lastimavam, porque nos diziam que o acampamento devia ser perto, mas na nossa frente viamos uma grande quantidade de serras, tendo uma, no alto, um penedo denominado o *Morro do Moinho*, vulgo o *Morro do Maluco*. De bordo dos navios, em Mossamedes, elle avista-se, sem auxilio de binoculo, apesar dos dois dias de marcha a que dista do kilometro 73.

Ás 11 horas da manhã, como já se tivessem dado alguns «altos» e se não podesse reunir todas as praças, o snr. commandante da companhia, com meia duzia de camaradas meus, adiantou-se e meia hora depois estava no acampamento do *Moinho* (fazenda José Luiz).

Depois de escolhido o *bivaque*, que foi dentro da propria fazenda, as outras praças iam chegando em pequenos grupos, mas em que estado, Santo Deus! Cançadas, mortas de sêde, pedindo agua em altos brados, sendo

preciso recommendar-se-lhes muita prudencia, para que esse liquido não lhes produzisse colicas.

A secção de quarteis chegou, por falta de illuminação, muito tarde, porque se perdeu no caminho.

Nem a lua em quarto mingoante! Deu-se um caso interessante:

Um primeiro cabo atrazou-se um pouco na secção de quarteis, de que fazia parte. Anoiteceu. E como entrasse com elle o somno, e não atinasse com o caminho, subiu a uma arvore e conforme poude arranjou cama e dormiu, quem sabe, naturalmente até ao som do urro do leão. Logo que começou a vêr alguma coisa, ao luzir da manhã, pôz-se a caminho e veiu reunir-se aos camaradas, guiado pelo rodado do carro.

Depois do rancho da tarde, a secção de quarteis marchou para Capangombe, tendo o snr. commandante mandado dois carros *boers* levarem os capotes e as mantas para a serra da Chella, para nos facilitarem a marcha. Ali chegamos ás 10 $^1/_4$, não sendo o trajecto tão difficil como o anterior.

Capangombe é uma povoação muito doentia, situada no sopé da Chella, uma enorme serra de que depois falarei. Ha ali uma fortaleza quasi em ruinas, tal é a sua antiguidade.

Disseram-me que foi um forte de combate em tempos que já lá vão. Mas o que é facto é que, n'aquella occasião, servia apenas de estação telegraphica n'um velho pavilhão, e quando muito de abrigo contra qualquer leão, para as forças que transitam.

O snr. commandante, como houvesse tres praças e um sargento doentes, deixou-os ali ficar, aos cuidados do regedor e commerciante Fernandes, um bello typo de branco velho, para recolherem, depois de restabelecidos,

á Chibia; e no dia 25, ás 4 horas e meia da manhã, proseguimos a nossa marcha para o Tcheminguiro,on de chegamos ás 2 horas da tarde — as primeiras forças, porque n'esse dia a marcha foi tambem muito difficil de fazer. O que nos valeu foram as laranjas, que nos refrescavam um pouco n'essa subida da ingrema serra.

Terrivel a escalada. A montanha, quanto mais esforços empregavamos, mais difficil se nos mostrava. De espaço a espaço, tinhamos que parar, tal era a ladeira e o matto. Além d'isso, levavamos as mantas e os capotes, porque os carros apenas haviam podido chegar ao sopé da serra. O que nos valia era a abundancia d'agua para refrigerar-nos. Emfim, cae aqui, cae acolá, ao meio dia estavamos lá em cima — os que tinham resistido sem descançar muito tempo.

A serra era talvez tanto ou mais alta do que a nossa serra da Estrella. Emfim, uma vez lá no alto, seguimos a nossa rotina e chegamos a Tcheminguiro, sendo á entrada aguardados pelos reverendos da missão que ali existe. A povoaçãosinha é bonita, e tem uma capella linda, embora ainda não estivesse acabada.

Acampamos n'uma planicie descampada da missão, perto d'umas officinas. Um pequeno mas limpido regato atravessava o nosso acampamento.

Uma consolação! A agua em abundancia! Estavamos bem; tanto mais que do Lubango havia partido na vespera um carro com munições, e quando era a hora do rancho, estava este quasi prompto. Está aqui no meu *Diario*, que a missão fica no alto d'uma planicie e além do seu edificio tem um bom pomar. Pertence ás missões do Espirito Santo.

Repousamos no acampamento, até ao dia 27 de manhã! Já não era sem tempo! A's 5 horas e meia da

manhã retomamos a marcha, que fizemos durante quatro horas e meia, acampando no Jau, proximo d'uma outra missão, que eu creio succursal da antecedente. Tambem os reverendos e irmãos nos aguardavam. Ahi conseguiram os snrs. officiaes passar a noite em um barracão *manhoso* coberto de capim e que servia de alojamento a um

Grupo de officiaes

segundo sargento, commandante d'um pequeno destacamento, que lá se encontrava havia pouco tempo.

No dia 28, ás 5 horas da manhã, recomeçavamos a marcha, e ao meio dia faziamos alto, para se reunirem os retardatarios. Tres quartos de hora depois, estava a companhia formada para marchar, quando nos appareceu o snr. chefe do estado maior, capitão Marques, acompanhado do snr. alferes Costa, que do Lubango haviam ido á Chibia, para providenciarem sobre o aquartellamento

das tropas e satisfazerem a todas as exigencias do momento. Emfim, vinte minutos depois, entrava a companhia na Chibia, sendo esperada á entrada da povoação por bastante povo e militares, acompanhando-nos todos ao quartel da segunda companhia mixta de artilheria e infanteria, onde nos fomos alojar. Os snrs. officiaes alojaram-se na casa contigua ao quartel, que em tempos serviu de residencia para os chefes do concelho, e os sargentos foram para uma casa proxima. O quartel alojava a companhia toda; e ali pudemos dormir socegadamente, embora apenas coberto com duas mantas e uma enxerga por baixo, antes de partir para o Cunene.

Ali permanecemos até 26 de julho. O carro do governo ainda nos forneceu a alimentação até 30, mas depois começou a ser fornecida e cosinhada por conta da companhia, dirigida pelo snr. tenente Figueiredo. Foi ali que tivemos a maior *étape*, aproveitando o tempo todos os dias em instrucção, tactica e tiro n'uma carreira que tinha apenas 200 metros.

Tive occasião de vêr ali, dois dias depois da minha chegada, a segunda companhia europeia que regressava do forte Roçadas, depois de haver permanecido ali dez mezes. Em que estado ella vinha, Santo Deus! Os pobres camaradas pareciam ter estado no sertão uma duzia de annos. Vinham convalescer para o Lubango.

Em principios de julho passou a primeira companhia europeia que ia entrar na campanha e augmentar a guarnição do forte Roçadas. onde já havia um pelotão que rendera a segunda e a seguir vi tambem passar as baterias de artilheria para o Humbe, bem como a companhia de guerra do batalhão disciplinar e o primeiro e segundo esquadrões de cavallaria. No dia 23 chegava a companhia de marinha, que se foi alojar n'um barracão do negociante

Almeida, da Chibia, d'onde só partiu em 30, quatro dias depois da companhia do 12. Quasi todos os dias eu vi passar carros com viveres ou material, tudo para a grande campanha. Dizia-se lá não haver memoria de tamanha mobilisação de tropas.

A Chibia é uma pequena povoação situada a dois dias de marcha da villa de Lubango. É saudavel e possue bastantes commodidades, attendendo á distancia a que está do interior. Tem bastantes lojas de commercio, sendo a principal a casa Almeida. Passámos ali uns bellos dias. Fóra das horas da instrucção, o que nos entretinha era o gramophone dos estabelecimentos, a musica lá da terra; não havia outra.

No dia 24 tivemos a visita do snr. governador Roçadas, commandante da columna. A companhia da marinha fez a guarda de honra, indo postar-se á porta da residencia do snr. chefe do concelho, e o 12 com a frente para a rua que communica com a residencia.

Pouco depois de s. ex.ª chegar, retirou a marinha para o seu quartel, e o 12 destroçou. Era meio dia.

Ás quatro horas da tarde, a companhia do 12 formou no largo proximo da *senzala* dos pretos e manobrou diante do snr. governador e seu ajudante e do chefe do concelho, com tal pericia, que mais pareciam soldados de tres ou quatro annos de serviço, do que novatos.

Em 26, ás 4 horas da manhã, a companhia proseguiu a sua marcha, tendo na vespera a secção de quarteis, seguido para Tchaungo, depois de ter cosinhado o rancho da tarde, disposição que se seguiu até ao forte Roçadas.

Antes de sahirmos da Chibia, houve ali uma azafama medonha, pois era de conveniencia que todos os artigos ficassem em ordem, e aliviar as praças dos que não eram de maior necessidade.

Sahimos da Chibia, como disse, ainda de noite e passamos á Joba, pequena povoação a quatro kilometros, indo-nos acompanhar até ali o chefe do concelho.

Com a companhia seguiram quatro carros boers para conducção de praças, e dois com generos e bagagens.

Ás 9 horas e meia acampamos no Tchaungo, n'um largo á margem d'um pequeno rio. O reverendo padre Thomaz, da Chibia, acompanhou-nos até ali e, depois de almoçar com os snrs. officiaes, retirou para a Chibia.

Em 27, ás 4 horas e meia da manhã, retomavamos a marcha para a *Kibita*, onde chegavamos ás 10 e meia. Ali havia um barracão com poucos generos da linha de *étapes* e a missão da *Kibita* que fica n'um pequeno alto.

No dia seguinte partimos. Á tarde tivemos a visita d'um sóba, que nos veio presentear e receber aguardente (mata-bicho). Vinha acompanhado com a sua gente e simulou um batuque de guerra, que nos entreteve por bastante tempo.

No dia 28, ás 4 da manhã, como de costume, tocou a alvorada e, depois de tomarmos a habitual ração de café, sahimos ás 4 e meia. Houve grande barafunda por causa dos carros passarem o rio, tendo adoecido algumas praças, as quaes ao fim de alguns dias já estavam, felizmente, restabelecidas.

Ás 8 e meia chegavamos á *Vimênha*, estabelecendo-se as cosinhas na planicie e indo a companhia descançar n'um alto, á sombra de umas palhotas abandonadas, que me disseram haverem pertencido a uma missão.

Comemos o rancho quente (almoço) e ás 4 da tarde continuamos a marcha para o *Biriambundo*, bivacando ás 8 e meia da noite.

Agua não havia, existindo apenas uns barris n'um

barracão guardado por um primeiro cabo. O refrigerante liquido vinha do rio a grande distancia e era destinado para as forças em transito.

No dia 29, em seguida ao toque de alvorada, retomamos a marcha ás 4 e meia, depois d'uma ração de aguardente, seguindo para *Catchana*, onde bivacámos ás 9 e meia. Ahi havia um barracão, onde se abrigava um soldado encarregado de mandar pôr um carro á agua a tres kilometros de distancia, mas apesar de ser agua corrente era má. Acampamos n'um largo, a pouca distancia d'umas palhotas, onde os pretos nos venderam gallinhas e ovos a troco de pannos e aguardente, pois não queriam dinheiro.

A 30, ás 4 e meia, continuavamos a marcha para os *Gambos*, tendo havido á entrada da povoação o costumado alto, para se reunirem as forças.

Os snrs. officiaes da companhia do batalhão disciplinar vieram esperar-nos, visto ella estar ali, e acompanharam-nos até ao bivaque, que foi no largo fronteiro á povoação, em frente da fortaleza. Bivacamos ás 3 horas e depois lá nos appareceram os pretinhos com o costumado negocio de gallinhas; mas estes eram mais finos e já conheciam o dinheiro! Preferiram-n'o.

Os *Gambos* (Chibemba) é o local onde está a povoação, séde do governo militar e chefe do concelho, dentro d'uma boa fortaleza. Ha tambem ali duas lojas de commercio dentro da povoação e umas casas cobertas de capim, que serviam de habitação dos poucos empregados publicos ali. Ao cuidado do commandante militar existia um bom deposito de generos de linha de *étapes* e um forno que nos coseu pão para o dia seguinte.

No dia 31 descançamos, assistindo á chegada da 10.ª companhia de Moçambique (landins).

A sua entrada no bivaque despertou a nossa attenção, tal era o seu garbo militar e o seu passo cadenciado, não havendo duvida que se egualavam a europeus.

A grande distancia havia agua boa.

Estavamos em 1 d'agosto; ás 3 horas da manhã d'essê dia, depois do café, pozemos-nos a caminho de *Tchiepepe*, onde acampavamos, á sombra do arvoredo, ás 8 e meia. Havia ali a missão dos *Gambos* e boa agua.

Os carros demoraram bastante por causa da descida do areal do *Chibemba*, mas comemos o rancho quente ás 4 e meia da tarde, marchando para o *Binguiro*, onde bivacamos ás 8 e 3 quartos.

No dia 2, ás 4 e meia, proseguimos a marcha para a *Cavalana*, onde chegamos ás 9 e meia.

Havia agua, mas da côr do leite e pouco boa, e algumas *cacimbas*.

Cacimbas são uma especie de reservatorios. Umas tinham taboletas para o gado e outras para o rancho. Bivacamos á sombra d'um grande arvoredo, e á noite tivemos as visitas inesperadas da hyena e do lobo!

Claro que se approximaram do bivaque por verem lume ou muita gente branca!

Tambem tinhamos tido de dia a visita d'uns *pretalhões* que pediam aguardente e dançaram um batuque guerreiro muito *reinadio*.

No dia 3, ás 4 horas, continuamos a marcha para *Cahama*.

No caminho encontramos ainda o carro da secção de quarteis, porque o peso era muito, mas pudemos bivacar ás 9 horas n'uma grande planicie.

A agua ia buscar-se a uma *mullola* do rio que ali passava proximo.

Existia ali um barracão de deposito da linha de

étapes, dirigido por um segundo sargento. Perto havia tambem uma estação telegraphica e muitas palhotas.

Disseram-me que nos arredores moravam dois commerciantes possuindo duas fazendas pequenas.

Descançamos ali até ás 5 horas da manhã, em que continuavamos a nossa escabrosa rotina, porque já ia aborrecendo bem e o calor a apertar mais.

Chegamos á *Caseata* (mamã), bivacando á sombra e proximo da *mullola* do rio, creio que a mesma que passava na *Cahama*.

Mullolas são as aguas estagnadas dos rios ou lagoas.

A 6 partiamos para *Makera*. O caminho faz uma grande curva descendente da estrada a que davam o nome de *picada* e tem muitos espinheiros.

No trajecto passamos ao *Chicusse*, residencia do commerciante José Lopes, o grande auxiliar de todas as columnas que se teem organisado na *Huilla*. Este cavalheiro tem uma preponderancia sobre o gentio maior que qualquer *sóba*.

Aqui a agua era identica á anterior.

Na tarde de 7 retomamos a marcha para *Mutugura*, onde chegamos ás 7 da noite, bivacando n'uma planicie proximo d'umas palhotas.

Descançamos á noite, e em 8, ás 5 e meia, partiamos para *Tchipelongo*, onde ha uma missão. Pouco nos demoramos, recomeçando a jornada ás 2 e meia da tarde para *Toandiva* (bandeira). Foi má a marcha, por causa do calor e da pessima estrada de areia resequida.

Bivacamos ás 7 n'um grande largo proximo a um enorme imbondeiro.

Este sitio, disseram-me ser memoravel, pois fôra ali que as tropas offereceram grande resistencia na cam-

panha do Humbe, motivo por que mereceu o nome de *Defeza da bandeira.*

A 9 seguimos para *Lupembe*, cruzando no caminho com a estrada do *Catequero.* Acampamos ás 8 e meia

O guia Caripalula, seu sobrinho e creado

n'uma grande clareira, ao centro d'um *arimbo de massambala* já secca.

No dia seguinte proseguimos a marcha para o Humbe, onde chegamos ás 7 $^3/_4$.

No Humbe, depois de feita a apresentação ao com-

mandante militar e chefe do concelho, bivacamos no largo fronteiro á povoação e á fortaleza.

Na occasião da companhia se preparar para bivacar, chegou o snr. chefe de estado maior, que conferenciou com o nosso commandante, indo depois os snrs. officiaes almoçar com o mesmo senhor.

O Humbe é uma pequena póvoação, habitando n'ella muito poucos europeus.

Tem apenas quatro lojas de commercio e umas palhotas onde residem uns funccionarios do governo e militares.

Tem tambem uma boa fortaleza, compondo-se a sua guarnição da 16.ª companhia de infanteria indigena e da 18.ª, que se encontra muito reduzida.

No Humbe já havia e ha muita gente do Cuamato.

São dois povos que se unem; mais tarde vi o papel que elles desempenharam na campanha.

A caminho do combate

No dia 11 encetamos o ultimo passeio de marcha da companhia para entrarmos em campanha.

O toque de alvorada foi ás 5 horas, mas momentos antes o chefe de estado maior conferenciou ainda com o nosso commandante, dando-lhe as ultimas instrucções.

Partimos pouco depois das 5. Atravessamos uma estrada carreteira, construida havia pouco, e passamos o pequeno fortim-reducto de Moçambique, que é um ponto intermediario entre o *Forte Roçadas* e a *Fortaleza do Humbe*, guarnecido por um pelotão de indigenas, creio que para servir de policia nas enchentes do *Cunéne*.

Passado o pequeno forte, avistamos o *Forte Roçadas* n'um grande alto, á margem do rio.

Ás 8 e um quarto passavamos a ponte que poucos dias antes tinha sido construida, e um quarto de hora depois entravamos no forte, onde admiramos a sua guarnição. Fomos bivacar ao sul do *Forte*, apoiados por elle e dentro da rêde de arames.

No *Forte Roçadas* notava-se uma certa azafama. Existem ali dois grandes barracões, onde se achava uma enorme quantidade de generos e material. Varias lanchas e botes puxados por cabos trazem da outra margem o que os carros descarregam n'um outro deposito que serve de abrigo aos generos e materiaes.

Ao nosso lado, isto é, ao lado da companhia do 12, bivacava tambem a companhia de *landins*, que desde *Malugua* nos acompanhava, mas que chegara um dia depois. As outras unidades encontravam-se em transito para o *Forte* e algumas já estavam no *Humbe*. Estivemos aqui até 15.

O Forte Roçadas

foi construido em 1906, sob as ordens do governador que commandava a columna, que se limitou a fazer a passagem do *Cunéne* e reconhecer os vaus d'este.

Não tendo que se internar mais para o interior, construiu ali o forte, a que os snrs. officiaes pediram que se desse o nome de *Roçadas*. Fica no alto *Eucombe*, passando-lhe por baixo o rio *Cunéne*.

A guarnição do *Forte* tinha antes das operações a seguinte constituição:

A 17.ª companhia indigena de infanteria, a 15.ª, uma secção de artilheria com tres boccas de fogo, uma metralhadora e a tropa europeia.

Organisadas as operações, a sua guarnição ficou re-

duzida á 17.ª e algumas praças europeias, em geral as que vinham doentes da campanha.

O *Forte Roçadas* foi, como se sabe, o centro ou base das operações e onde se concentraram os viveres e material. É rodeado por umas largas redes de arame e está ligado á outra margem por uma pequena linha (systema Decauville) para conduzir o material.

O rio *Cunéne* é um grande rio; mas, na occasião em que se organisaram as operações, levava pouca agua, havendo sitios em que se podia atravessar a vau.

Na epoca das chuvas, porém, chega a sair fóra do leito até á distancia de alguns kilometros. É navegavel. Para a policia do rio havia a canhoneira *Cunéne*, que fazia essa fiscalisação até *Danguena*. Era commandada pelo segundo tenente snr. Theodoro da Silva Nunes. Emquanto duraram as operações ficou ella entregue ao commandante militar superior do Cunéne, que existia no *Forte*.

Na margem opposta ao *Forte* havia uma grande planicie, a que nós demos o nome de *Mosquito*.

Os *Cuamatos*, havia muito tempo que não incommodavam a guarnição do *Forte*, mas nos primeiros mezes da sua construcção iam alli fazer a sua visita. Nos dias 15 e 18 de fevereiro atacaram-o *á valentona*, chegando a audacia até transporem uma das linhas do arame e a levarem algumas ferramentas e material de sapadores. Felizmente para nós, na occasião em que elles levavam aquelles objectos, cairam-lhes em cima duas lanternetas e um pelotão de indigenas commandado pelo snr. tenente Severino, que lhes deu *cabo do bombo negro*. Como perdessem a esperança de escangalharem o *Forte*, limitaram-se a desafiarem-nos para o matto.

As operações de guerra

No dia 15 de agosto, como já tivessem chegado, além da companhia de *landins* e do 12, a companhia de marinha e do batalhão disciplinar, que se encontravam acampadas na outra margem (Praia de *Mosquito)*, recebemos ordem para deixar o *Forte Roçadas.*

Juntamente com a bateria de Canet e as unidades já indicadas, viemos formar o acampamento n'um grande morro fronteiro e a sul do *Forte,* uma grande planicie, tendo a sudoeste o apoio d'este e *abatizes* a todo o quadrado.

O snr. chefe do estado maior superintendia em todo o serviço, na ausencia do snr. governador, que já se encontrava no *Humbe,* junto com o governador geral da provincia, que dois dias antes havia ido a *Danguena* na lancha, fazendo-lhe guarda de honra as já referidas unidades.

Para derrubar a grande quantidade de espinheiros e matto, andaram differentes soldados e condemnados do *Deposito Geral de Degredados* a queimal-os dias antes, tendo sido protegidos n'esse serviço por pelotões da companhia do 12 e de *landins.*

Estabeleceu-se o serviço de segurança, de dia e de noite, com um terço de força de cada unidade, sendo o toque de alvorada ás 4 da manhã, formando n'essa occasião todas as unidades que se conservavam em armas até ao amanhecer.

A 18 chegavam o snr. governador, commandante da columna, primeiro e segundo esquadrões de *Dragões,* segunda companhia europeia, *Bateria Ehrardt,* e 15.ª e 16.ª companhias indigenas.

Ás 8 horas da noite tivemos um

Primeiro alarme

no acampamento, pois que da matta que o rodeava haviam sido disparados quatro tiros!

Emfim, no dia 20, ás 8 da manhã, chegou o snr. governador geral para passar revista ás tropas.

As unidades formaram tres columnas duplas, tendo á frente a companhia do 12, marinha, companhia europeia e as baterias que constituiam a primeira columna.

Levantamos o *bivaque* para a revista.

A 21 considerava-se tudo em ordem, sendo esta a

Organisação da columna

Commandante, José Augusto Alves Roçadas, capitão do estado maior e governador do districto de Huilla.

Chefe do estado maior, capitão do estado maior, Eduardo Augusto Marques.

Sub-chefe, tenente de cavallaria com o curso de estado maior, Jorge Pinto Mascarenhas.

Ajudante, alferes Germano Dias.

Chefe dos serviços medicos, medico de primeira classe, Alfredo Borges.

Chefe dos serviços administrativos, tenente do corpo de officiaes da administração militar, Antonio Domingos Ferreira e adjuntos alferes José da Costa e Velloso de Castro.

Além d'estes, dois amanuenses, sargentos, dois aspirantes do telegrapho, dois guarda-fios, tres ordenanças, seis tratadores e nove solipedes.

As tropas

eram assim constituidas:

Companhia de marinha: Commandante, primeiro tenente Victor Leite de Sepulveda e tres segundos tenentes, Rego, Marinho e Martha, 162 primeiros cabos e soldados.

Companhia expedicionaria de infanteria 12, de que eu fazia parte: Commandante, capitão de infanteria snr. Francelino Pimentel, tenentes Beirão e Figueiredo, quatro subalternos, oito sargentos, 213 cabos e soldados e 13 indigenas.

Bateria Ehrardt: Commandante, tenente almoxarife Francisco Gonçalves, alferes Victoria e Angelo, quatro segundos sargentos, dois artifices, trinta cabos e soldados serventes e 16 conductores indigenas.

Boccas de fogo, 4, muares, 23.

Bateria de metralhadoras: Commandante, segundo tenente da armada Jayme da Silva Nunes, tenente Paes, um subalterno de infanteria, doze cabos e soldados europeus e seis indigenas.

Metralhadoras Nordenfeld, quatro, bois, oito.

CAVALLARIA

Grupo de dragões: Commandante, capitão de cavallaria Alfredo Rodrigues Montez, ajudante tenente Lusignan.

1.º esquadrão: Commandante, capitão Gonçalves Galvão, tres subalternos, Vandeirinho, Carvalho e Prat, um veterinario, oito sargentos, um selleiro, 81 cabos e soldados, tres ferradores, tres clarins, 17 auxiliares e 101 muares.

2.º esquadrão: Commandante, tenente Alfredo Mar-

tins de Lima, ajudantes Benjamim Martins e Natividade, tres subalternos, um veterinario, cinco sargentos, 101 cabos e soldados, dois ferradores, tres clarins, trinta auxiliares. Cavallos, 95.

1.ª companhia europeia: Commandante, o capitão Domingos Patacho, quatro subalternos, oito sargentos, 153 cabos e soldados e quatro corneteiros.

2.ª companhia europeia: Commandante, José Antonio de Araujo, quatro subalternos, sete sargentos, 114 cabos e soldados e tres corneteiros.

Companhia de guerra do batalhão disciplinar: Commandante, Julio Alberto Schiappa Azevedo, Ultra Machado, Mello Vieira e Augusto Maria, quatro subalternos, sete sargentos, 137 cabos e soldados e tres corneteiros.

INFANTERIA INDIGENA

10.ª companhia de Moçambique: Commandante, tenente Ignacio Soares Severino, quatro subalternos, quatro sargentos, onze primeiros cabos, 184 soldados e quatro corneteiros.

14.ª companhia de Angola: Commandante, Souza Dias, cinco subalternos, sete sargentos, seis primeiros cabos, 160 soldados e tres corneteiros.

15.ª companhia: Commandante, capitão Luciano Ribeiro, cinco subalternos, sete sargentos, seis primeiros cabos, 142 soldados e tres corneteiros.

16.ª companhia: Commandante, Ramos da Silva, cinco subalternos, tres segundos sargentos, quatro primeiros cabos, 165 soldados e cinco corneteiros.

17.ª companhia: Commandante, tenente Feio Valle, tres subalternos, dois sargentos, quatro primeiros cabos, 162 soldados e corneteiros.

Alferes Marçal.

a) *Secção de munições:* Um subalterno do corpo de almoxarifes, dois segundos sargentos de artilheria, um cabo, doze soldados conductores e vinte soldados indigenas. Carros alemtejanos, 12, muares, 24.

b) *Ambulancia:* Director, chefe dos serviços de sau-

Forte Roçadas, junto ao rio Cunéne

de Côrte Real, e facultativos Rodrigues e Fonseca e Costa; oito enfermeiros, seis serventes, dois cozinheiros, um soldado conductor, vinte maqueiros, um carro alemtejano, duas muares.

c) *Secção d'agua:* Um sargento chefe de secção, quatro soldados, cinco serviçaes. Pessoal de carros *boers*, 14. Bois de tracção, 280.

Serviço administrativo: Um chefe e dois subalternos, dois sargentos e dois soldados.

Carros boers, 17. Bois de tracção, 340. Gado para abater, 40 cabeças.

Pelotão de sapadores: Commandante, alferes Jonet, 2 sargentos, 20 artifices, 40 soldados indigenas.

O municiamento da columna era o seguinte: Cavallaria e infanteria, 120 cartuchos e 130 no trem de combate. Cada peça Ehrardt, 166 tiros, 60 no trem de com-

O forte de Damequero

bate. Cada peça Canet, 120 tiros, 72 no comboio; e cada metralhadora, 6:000 tiros, indo 4:000 no trem de combate.

Esta foi a organisação completa da columna, que soffreu, é claro, algumas alterações.

(Até aqui, narrativa do bravo soldado David Martins de Lima, completada adiante com as narrações dos valorosos officiaes que tomaram parte na guerra).

A guerra descripta pelo 1.° tenente Victor Sepulveda

Combate da Chana de Mufilo

Tomei parte em todos os combates... O mais terrivel, porém, foi o do dia 27 de agosto na *Chana do Mufilo.*

Estavamos ali todos. Era pela primeira vez que entravam em fogo os meus camaradas *Rego, Martha* e *Marinho.*

Estes jovens officiaes mostraram-se d'uma estranha coragem... Pareciam veteranos endurecidos nas batalhas... Eram d'uma serenidade singular, e o seu exemplo e as suas palavras animavam os marinheiros, que se batiam como leões... O inimigo fez uma carga sobre o flanco esquerdo do quadrado... A columna entrou na *Chana do Mufilo,* sendo atacada pela rectaguarda quando estava já quasi dentro da planicie... Defenderam a investida, a companhia indigena e um pelotão de infanteria 12, do commando do tenente Beirão; que conseguiram fazer recuar o inimigo, expondo-se enormemente... Com alguma difficuldade formou-se o quadrado, tomando um papel importante a bateria Canet e a secção Krupp... A certa altura do combate o capitão Roçadas mandou carregar a companhia de marinha sobre o flanco direito, ao

mesmo tempo que a cavallaria carregava pela rectaguarda. Depois da companhia de marinha ter varrido o flanco entrou a cavallaria em marcha triumphal, trazendo á frente o seu commandante, *Martins de Lima*, veterinario Pereira e uma praça ferida.

A companhia de marinha já occupára o seu logar. Levantou, ella mesma, n'um impeto uma estrondosa ovação aos cavalleiros. Ah! foi um bello momento! Infanteria 12 secundou os marinheiros nas acclamações... Logo em todo o quadrado os bravos resoaram... Os soldados estavam animados... Deviamos vencer...

A victoria custou-nos seis horas de fogo vivo, ouvindo assobiar as balas. Só terminou o combate quando a artilheria fez um canhoneio sobre as *libatas* que a fusilaria dos marinheiros ajudava a destruir por completo. Tivemos 68 baixas.

*

No dia 28 de manhã rompemos a marcha para Aucongo. Marchavamos em quadrado... Os soldados e os marinheiros iam cheios de enthusiasmo, e a tal ponto, que um dos commandantes, a sorrir, gritou-lhes: — Rapazes! Assim é que vocês vão bem. Parece que vão para o exercicio nas Salesias!...

Elles continuaram enthusiasmados a marcha. N'um dado momento apercebeu-se o inimigo. Logo se fizeram os entrincheiramentos. A cavallaria foi atacada de surpreza, quando ia á *data de agua* a uma *cacimba* distante do acampamento. Retiraram... N'esta occasião a artilheria começava a fazer-se ouvir do flanco direito, e a companhia de marinha, que estava á frente, carregou sobre o inimigo fazendo-o fugir para a esquerda, d'onde foi acos-

sado. Viu-se então uma extravagante retirada... O inimigo debandou, e assim terminou o combate do dia 28.

Combate de Aucongo

Este combate, de 4 de setembro, foi dos mais renhidos. Roçadas vira que era necessario fazer-se um reconhecimento no territorio.

Mandou preparar a columna para marchar ás 5 horas da manhã; á frente iam os soldados do 12 e os marinheiros... Era por um dia tristonho. Avistavamos *libatas*, que os cuamatas tinham deixado, á medida que se iam estabelecer n'outros pontos, as quaes nós incendiamos, afim de vêr o que o inimigo faria diante d'isto. Responderam-nos com um ataque formidavel.

Foi então que Roçadas mandou simular uma retirada sobre o flanco esquerdo para illudir o inimigo, que ia apoquentando com o fogo intenso das suas boas espingardas o flanco direito. Então os meus camaradas foram admiraveis de coragem e de valor. Os tenentes Rego e Marinho animavam com o seu exemplo as praças do primeiro pelotão d'atiradores escolhidos; eram realmente dignos da farda que vestiam. O tenente Martha lançava-se para a frente, como os seus camaradas, com um sangue frio extraordinario.

O tenente Beirão, d'infanteria 12, perseguiu o inimigo do lado direito, expondo-se desde o inicio do combate, e na sua febre d'ataque esquecia-se do perigo e elle proprio carregava com os cofres das peças n'um verdadeiro heroismo. Foi elle que, com o seu pelotão, ajudado pelos marinheiros e com 4 peças Ehrardt, marchou sobre o inimigo, que atacava com um fogo intenso e certeiro.

lumna começou a caminhar. Já sabiamos que essa marcha devia ser penosa. Roçadas ia na vanguarda da columna e a seu lado Caripalula, o nosso guia n'essa região do mysterio. Ás 4 e meia já os meus marinheiros estavam promptos para a marcha. O inimigo bateu a *cua!* (O seu chamamento de guerra).

Apesar d'isso, não nos atacou! Vimol-os ao longe, em grupo, aos berros, furiosos; mas d'esta vez não se approximaram... Avançamos sempre. Chegamos ao Tchaumindo. Havia pouca agua na *cacimba.*

Bivacamos e estivemos socegados, ou por outra não nos apoquentaram com o fogo, porque socego não podia haver.

Tocou á ordem! Vimos que seguiriamos no dia seguinte. Mas Roçadas, esperando durante a noite um ataque do gentio, que se fartára de bater a *cua,* resolveu não seguir. O inimigo não quiz atacar-nos. Não veiu esperarnos no caminho, afim de nos illudir. Resolvemos então avançar, e só durante meia hora marchamos sem fogo.

Fomos em silencio, n'um pesado silencio, n'uma grave quietação... Aquella meia hora sem fogo, foi para nós d'uma oppressão peor do que o tiroteio mais intenso.

De chofre ouviu-se um tiro de arcabuz. Soava com força a *cua!* Era o signal! Já não havia aquella oppressão que nos ataca antes do combate! Estavamos alegres! Formamos quadrado, e Roçadas mandou tocar a avançar. Fomos por alli acima n'uma furia... Entravamos n'uma Chana... Era necessario passar para outra, n'um plano mais baixo, atravez do matto. Pelo caminho havia carreiras de negros que se cruzavam e que nos olhavam como a interrogar-nos. Dois guerreiros, mais ousados, esperavam-nos escondidos. Avançamos, não contando com o inimigo tão perto; ouvimos-lhe os gritos...

Quando os sapadores appareceram no matto a abrir caminho para uma peça Ehrardt, soaram dois tiros. Dois soldados cairam mortos. Parece que esses tiros tinham outro fim... Parece que eram para o Roçadas e para o Caripalula...

E alli, n'aquelle momento, evocamos o sertão, aquella furia da guerra, a *cua* tocando e dois guerreiros negros e fortes, armados e destemidos, apparecendo ao seu chefe, com as armas na mão e offerecendo as vidas, para livrarem os seus do commandante dos portuguezes e para se vingarem do homem do seu sangue,— Caripalula—fiel aos brancos. Era um rasgo e era uma traição.

Após um momento de hesitação, avançamos ao toque. O inimigo foi repellido, e lá de longe volve-se para fazer outro ataque. Era bonito! Os nossos soldados recolheram os mortos e avançaram!

Conseguimos bivacar, e aguardavamos os acontecimentos. Lá longe ainda, estava Damequero!

Agora tratava-se da organisação do comboio: eram 30 carros *boers*, uma especie de viaturas alemtejanas, puxados cada um d'elles por 10 juntas de bois e não podendo transportar mais de cem a cento e cincoenta arrobas, conforme o estado dos bois. É um trabalho enorme o escoltar um comboio. Ha um perigo constante. É uma pequena força que o escolta. E tem que se defender os feridos que ali são conduzidos e as munições, quando, de mais a mais, os carros teem difficuldade em avançar. O primeiro comboio do Aucongo foi commandado pelo Francelino Pimentel, e deu-nos muito cuidado. Quando regressou com generos frescos e munições, teve uma ovação, em que a minha companhia tomou parte principal.

Tratava-se da volta dos nossos camaradas. Era fi-

nalmente o socego. Eram emfim as provisões. Podiamos agora comer, ali já, n'essa região do mysterio, sentindo bem que achavamos as forças para novas marchas. Até bebemos agua do Cunéne. Que agua! Que delicia! Parecia que ali, n'aquella terra longinqua, a agua do Cunéne era como uma recordação de algum logar querido! Era como se, no meio d'uma inhospita terra alemtejana ou algarvia, nos dessem a beber agua de Cintra, clara, fres-

Grupo de officiaes

ca, leve, pura! Foi um presente do Francelino Pimentel! Bello camarada! Comemos um pão duro. Deu-nos um abraço..

Commandei o comboio de Damequero. Levava setenta carros. Foi a 15 de setembro. Partimos com os feridos, os quaes não abandonariamos por cousa alguma. O silencio das nossas tropas era significativo; esperavamos portanto um ataque. Fizemos uma bella marcha, e, quando chegamos ao Aucongo, o Licinio Ribeiro já içara a bandeira. Que grande alegria! As tropas

formaram em parada! Ali, no meio d'aquelle campo, a nossa bandeira, elevada nos ares, era uma grata imagem. Mandei fazer a continencia ao symbolo da nossa querida patria! Ali, a coberto d'esse pedaço de panno, seriamos capazes de tudo! Que alegria, repito, tivemos ao vêl-a!

A marcha de Damequero ao forte Roçadas

Como dizia, foi a 15 de setembro que largamos para o forte Roçadas. Emquanto andara commandando o comboio, o quadrado fôra atacado violentamente, sendo a defeza mantida com valentia. Andei quatro dias fóra, e, quando regressei, encontrei uma fortaleza completamente feita. E que linda!

Fôra dirigida pelo Petiz, um rapaz que chamavamos assim, franzino, delicado, intelligente — o alferes Mello Vieira. Foi elle tambem que commandou um pelotão da companhia disciplinar e conseguiu, não só ter o amor das suas praças, mas ser por ellas admirado.

No combate de 4, carregou com o seu pelotão sobre o inimigo, acompanhado pelo Roçadas na acção. Defendeu-se n'esse dia, inolvidavel para mim e para a minha gente, uma peça Canet. Mello Vieira tinha 23 annos e era já um heroe a valer. A construcção do forte foi dirigida toda por elle e executada por soldados indigenas, para o que concorreram muito os *landins*.

É o forte melhor construido e de melhor apparencia!

Quando cheguei ao Damequero, com o comboio, recebi ordem de seguir, a 21, para conquistar as *cacimbas* do sóba. Nova marcha debaixo de fogo. O inimigo fazia-nos frente. Roçadas, sempre perto do centro da face da

minha companhia, dirigia a marcha. Conseguimos avistar as *cacimbas*. Era a agua que ali estava. Tinhamos sêde. Era necessario conquistal-as, porque o negro, dentro d'ellas, como n'um baluarte, não nos deixava avançar. O Roçadas dá ordem para a companhia de marinha carregar. Ficamos loucos de contentamento. Via nos olhos dos meus camaradas, Rego, Martha e Marinho essa alegria. Partimos em accelerado. Dei a voz de carregar. Foi um impeto. O 12 seguiu-nos e o inimigo sahiu das *cacimbas* perfeitamente desordenado. Os auxiliares, sem ninguem os mandar, sahem fóra da linha. Impediam assim o fogo da gente do Rego e Marinho. O inimigo, d'entre o capim, fuzila-nos. Martha, porém, faz uma descarga, depois de os auxiliares recolherem e a frente ficou limpa. Foi magnifico!

No dia seguinte deviamos fazer a marcha até á embala!

Foi a 21 de setembro que se preparou a partida. Diziam-nos que eram kilometros de caminho.

Pouco depois da conquista das *cacimbas*, avistou-se para o sudoeste uma grande fumaceira. Todos perguntavam o que seria. Alguns diziam que era a embala a arder; outros duvidavam. Todos esperavamos que o ultimo baluarte do Cuamato Pequeno tivesse uma defeza formidavel. Era necessario caminhar por entre matagaes, depois por planicies razas. Caripalula — o nosso guia — calculára 4 kilometros de marcha. Foram 3, mas enormes.

Os negros d'uma *Chana* quizeram cercar-nos de fogo. Lançaram-n'o ao matto e iam alcançando o comboio. Por nossa vez, incendiamos as *libatas* dos *seculos* importantes e uma que pertencia á mulher do sóba. O inimigo não apparecia. Estavamos pasmados. José Lopes, Caripalula, Carlos Maria e outros auxiliares, tanto *boers* como pretos, diziam-nos que o inimigo estava na embala.

Ao fim d'um quarto de hora avistamol-o. Fizemos alto.

A paysagem era linda. Estavamos no extremo d'uma planicie. O capim era alto e vasto, e ao longe algumas palmeiras destacavam. Via-se uma paliçada alta. O inimigo — diziam-nos — estava ali.

Roçadas deu ordem para metter em bateria a Ehrardt. Esteves, que a commandava, assim fez. Aponta. Faz fogo. Soam vozes gritando:

— Faça alto! Faça alto!

Era o José da Costa — um auxiliar — que acabava de transmittir uma ordem, e, não sabendo que se ia fazer fogo, se dispunha a passar em frente da peça. Mas o tiro partira; passara sob o pescoço da mula e quebrára uma redea.

Fomos abraçal-o, ainda commovidos. Fizeram mais tres tiros que alcançaram o meio da embala. Não havia resposta.

Roçadas manda avançar. Houve uma extraordinaria alegria.

Recebi ordem de carregar e de dar umas descargas proximo das paliçadas. Assim fiz. A seguir carrega o 12. A minha companhia chega em primeiro logar á embala.

O primeiro que entrou n'aquelle recinto foi o tenente Martha, que abriu caminho. Entramos de seguida. Aguardamos Roçadas que nos mandou avançar. Lá no interior esperamos o ataque. Aquillo era uma ruina. As casas estavam abandonadas e queimadas. Que tristeza! Remecheu-se nas cinzas e acharam-se despojos de 1904... A primeira cousa que appareceu foi uma corneta achada pelo marinheiro 12, um bello rapaz, muito prestavel e que figurava no primeiro plano da companhia. Havia tambem armas queimadas, estribos, etc.

Um gato saltou d'entre os escombros. O *Militar* e o *Lisboa*, dois cães notaveis na columna, atiram-se a elle e matam-n'o.

O *Lisboa* é já celebre. Andou em toda a campanha. Pertencia-me. Deu-m'o na Chibia o commandante Almeida. Foi ferido no Aucongo com uma bala na cabeça.

O *Militar* pertencia á 1.ª companhia europeia. Foi ferido no combate de 4. Veiu com infanteria 12.

Bivacamos fóra da embala, para se dar começo á construcção do forte. No dia seguinte sahiu um comboio, commandado por Francelino, e tudo ficou em cuidado. O tempo é aproveitado em reconhecimentos, e o 2.º esquadrão, commandado por Martins de Lima, vae com os auxiliares destruir todas as *libatas*, o que consegue, chegando á fronteira do Cuamato Grande. Foram então aprisionados, a mulher do ultimo sóba e aquelle importante da terra ferido, de que já falei. A primeira diz-nos que o fogo da embala foi casual e que o sóba fugira para o Cuanhama, quando lhe conquistaram a *inhoca* (cacimbas de sóba). Disse tambem a mulher que elle mandara a sua gente embora, dizendo-lhe que nós eramos invenciveis e que o sóba estivera no Aucongo, durante a marcha de 13, em Damequero, na *inhoca*, e que eram enormes as perdas do inimigo.

Começou-se a construir o forte. Patacho foi encarregado da sua construcção, com o auxilio das outras unidades e da sua gente. Estivemos uma semana aguardando o comboio. Dois dias depois seguiamos para o Cuamato Grande. No forte em construcção, ficaram os doentes e uma companhia indigena, commandada pelo Mario Dias. Era pouca gente para a defeza, mas não lhe succedeu mal.

Marcha para o Cuamato Grande

Foi uma das peripecias mais extraordinarias da campanha.

Quando chegou o comboio, commandado pelo Francelino, Roçadas deu ordem para separar os viveres necessarios para a marcha até ao Cuamato Grande.

Dois dias depois avançavamos, quasi com a certeza de que não fariamos fogo. Deixei onze marinheiros doentes. Ficava ali o cabo 1, que bastante meu amigo era. As praças estavam fraquissimas por causa dos grandes incommodos intestinaes. A marcha era-lhes penosa. Faltavam 13 kilometros para o nosso fim. Era preciso conquistar e aniquilar o Cuamato Grande. Como disse, esperavamos não ser atacados, e não o fomos até á fronteira. Aqui começou o fogo. O matto era cerradissimo. Rego, que occupava o flanco direito da face da frente, fez prodigios para que não se perdesse o alinhamento. Cortava-se o matto, estendiam-se as praças para não se perder de vista a primeira companhia europeia e não deixar abrir o quadrado. O fogo inimigo era cada vez mais forte. Nós, pouco ou nada podiamos fazer, visto as planicies serem pequenissimas e o matto bastante cerrado. Ao cabo de uma marcha de duas horas, debaixo de fogo, e em que pouco se avançara, avistamos um *imbondeiro*, servindo de forte. Era enorme; parecia uma fortaleza.

D'ali os negros faziam muito fogo. O Esteves poz uma das suas peças em bateria e uma granada vae rebentar no meio d'elles. Que bello tiro! O inimigo põe-se em debandada. Não se ouve nem mais um tiro. Avançamos. Os negros vão na nossa frente. O pelotão de marinha, na face esquerda, faz prodigios. Mello Vieira tambem

faz maravilhas, e nós, sempre avançando, avistamos, a 600 metros, a embala. Fizemos alto. Roçadas manda bombardear, e a uns quinhentos metros formamos em colchete envolvente.

O 2.° esquadrão vae pela rectaguarda da embala.

O meu pelotão e o 12, no centro. Os tenentes Marinho, Shiappa, Passos e Mello Vieira na esquerda. A primeira companhia de *landins* na direita.

Arma-se bayoneta! A primeira companhia europeia julga que se trata do toque de carregar. Começa a avançar. Eu, ao vêr tomar a minha frente, avanço e sou seguido pelo 12. Com este vão todos. Foi um delirio. Todos carregam; eu armo os meus. Martha, passa-me á frente, bastante fatigado. Vejo o tenente Rego e digo-lhe:

—É necessario que seja o primeiro a entrar!

Elle avança, faz um esforço, e é realmente o primeiro a entrar na embala do Cuamato Grande, com os seus homens. Segue-se o Durão. Depois eu e o Martha!

Os ultimos negros fogem pela rectaguarda da embala, que deixam intacta, com todos os seus utensilios, mostrando assim que estava lá o sóba. Na cama d'elle havia uma enorme mancha de sangue, ainda fresco. Teria morrido?! Assim o pensamos, e que o seu corpo teria sido levado pelos fieis. Talvez que aquelle tiro dirigido para o *imbondeiro* o tivesse ferido e fosse a causa do fogo cessar.

Morreu ali o meu *Vida Alegre*, marinheiro de muito valor e que pertencia ao pelotão do Marinho. Uma bala atravessou-lhe os intestinos, mas ainda combateu durante um quarto d'hora. Depois cahiu para não mais se erguer, o desventurado!

Fomos de seguida á embala, e ali achamos os despojos de 1904. Encontramos tambem viveres e não vimos ninguem. Bivacamos! Perto de nós estava o hospital de san-

nosso pedido, por isso que aquelle forte se chama por emquanto: Molueque.

Regresso da expedição

Antes de iniciar a marcha do regresso, deixamos ao Durão — commandante do forte de Molueque — viveres

No Lubango — Exercicio de tiro com a bateria Ehrardt

para tres mezes, munições e artigos para presentes. Ficou ali a seguinte guarnição:

1 pelotão de 50 homens da companhia indigena e 2 peças Canet, com o respectivo pessoal branco.

Fizemos as despedidas. Demos abraços ao Durão, e começa a marcha. Eu ia bastante fraco. Pedi ao Martins de Lima uma muar, que me emprestou. Sahimos satisfeitos. Já não marchavamos em quadrado, mas de costado.

Examinamos as arvores, e vimos quanto eram bellas as pontarias dos nossos soldados. As balas que appareceram cravadas nas arvores estavam a 30 e 40 centimetros do solo, as mais baixas, e 1 metro as mais altas.

Como se vê, eram pontarias de primeira ordem, esforçando-se por bem executar o tiro. Encontramos um morro de *salalé* (formiga), bastante alto, escavado por dentro e com setteiras pelas quaes os negros nos tinham feito fogo.

Passamos perto do *imbondeiro*, de que tinham feito fortaleza. Lá estavam os signaes da granada que o Esteves lhes enviara. Que bello tiro!

O *imbondeiro* é uma arvore collossal, a que se chama, na India, *baobab*. A sua madeira é dura e resistente; difficilmente é atravessada por uma bala, e cresce nos sitios insalubres. É a arvore da morte.

Descançamos e comemos o rancho frio da manhã, n'uma cacimba, rodeada de copadas arvores, n'um sitio bastante pittoresco. Almocei com o Martins de Lima e com o Rego. Comemos uma bolacha e um pedaço de carne fria. Nem mais nada! Meia hora depois, o Roçadas mandou avançar. Seguimos. As praças vinham bastante fatigadas, mas a ideia de que, dentro em pouco, veriam Lisboa, animava-as.

O calor apertava e tinhamos sêde.

Occupamos os nossos logares anteriores; fizemos barracas e descançamos, esperando a chegada d'um comboio e recomeçando a construcção do forte D. Luiz de Bragança, que o Patacho dirigiu e ficou commandando.

Içou o mastro, construido pelos meus marujos, sob a direcção de Marinho. Não lhe faltava cousa alguma.

Esqueceu-me de narrar um facto, a que ninguem ainda se referiu, mas que deve ficar registado, porque bem

prova a valentia e o arrojo d'alguns dos nossos bravos camaradas.

Quando conquistamos o Cuamato Pequeno, tornou-se necessario, como se comprehende, mandar telegrammas para Lisboa, para socegarmos os espiritos dos nossos, que bastante alvoroçados andavam. Era preciso mandar essas noticias, depois da batalha, á noite. O inimigo andava ainda revoltado. Falou-se em enviar, por aquella noite, dois officiaes de cavallaria ao telegrapho.

De repente ouviram-se duas vozes:

— Vou eu!

Disseram aquillo ao mesmo tempo.

Eram os tenentes Montez e Lusignan. José da Costa — um bravo official —, vendo o perigo que os camaradas iam correr, exclamou:

— Eu acompanho-os!

Roçadas consentiu, e os tres partiram, n'um galope por meio do matto, para fazerem depressa os 60 kilometros que era necessario atravessar para que em Lisboa se soubesse que estavamos vencedores.

Aquelles bravos, com a sua acção, trouxeram a tranquillidade ao espirito das nossas familias e tornaram conhecida a nossa victoria. Que valentes rapazes!

Mas, além d'isso, ainda fizeram mais. No regresso apprehenderam 5 bois ao inimigo e fizeram 5 prisioneiros: 3 officiaes e 2 ordenanças!

Um dos prisioneiros era um *importante* da terra, e Lusignan, de tal fórma o tratou, que nunca mais o quiz abandonar!

É um bravo, esse joven Lusignan. Tenente aos 25 annos e um dos melhores cavalleiros do nosso exercito; é um valente! É sensato. Os seus cônselhos são ouvidos. Foi elle quem ajudou a organisar e a instruir o bravissi-

mo esquadrão de Martins de Lima, quando veiu da Argentina. O seu sangue frio é admiravel.

Em Damequero, convidei-o para vir comer comnosco uns feijões guisados, que o marinheiro n.° 40 cosinhava na perfeição.

Estavamos sentados na trincheira. Ouviu-se um tiro; depois outro. Todos correm a pegar em armas. Lusignan não ficou a olhar para o ar. As balas passaram-nos a dois centimetros das cabeças, abrindo tres furos no panno da tenda que nos guardava do sol. Lusignan foi serenamente bater-se.

Narrativa de Martins de Lima

OFFICIAL DE CAVALLARIA

O combate de Mufilo

Bivaque no Aucongo, 3 de setembro.

Meu caro Alvaro:

Escrevo-te deitado de bruços sôbre um impermeavel, por não ter mesa, e de luvas calçadas para não dar á carta o aspecto de papel de embrulhar generos de mercearia.

Nós e os animaes temos passado fome e sêde, não dormimos e andamos miseraveis. Desde que sahi do forte Roçadas nunca mais tive agua para lavar as mãos, ao menos, nem roupa para mudar. O meu facto, salpicado de lama preta e com grandes manchas de sangue das feridas, é simplesmente repellente! Dentro em alguns dias espero estar tão preto pela porcaria, como qualquer cuamata. Temos levado uma vida dos diabos! Entretanto, a minha saude continua sendo boa, e tenho grande confiança no bom exito d'esta expedição, bem commandada como é.

Os cuamatas não nos deixam descançar, nem de dia nem de noite, e, com o seu bom armamento, fazem-nos

grande mal, sem se approximarem muito. Os armamentos da expedição de 1904 servem-lhes bem, e, segundo parece, não lhes faltam munições.

Não são maus atiradores; é indubitavel que teem atiradores especiaes para darem caça aos commandantes. Official que esteja á frente da sua unidade, ou que durante o combate ande de um lado para o outro, é sabido que é logo alvejado por Kropatscheks, e, se não é attingido, são-n'o os que lhe ficam proximos.

A mim já por mais de uma vez me succedeu, estando á frente do meu esquadrão, sentir passar balas de K. por cima da cabeça, umas atraz das outras, não se ouvindo mais do que uma espingarda a dar fogo, que cessava logo que eu entrava na linha dos commandantes de pelotões, e no combate do Mufilo todos os que estavam mais perto de mim são feridos ou mortos; o cavallo montado pela minha ordenança é ferido quatro vezes e, por fim, cahe com o coração atravessado por uma bala, que tambem furou a perna do cavalleiro. Este, apenas se desembaraça do cavallo, é ferido novamente na cabeça; o cavallo do ajudante do esquadrão e o do clarim d'ordens são feridos mais de uma vez, assim como todos os que me ficam mais proximos.

Os cuamatas não são valentes como os vatuas, ou mesmo como os baruistas, mas teem muita *ronha* e sobretudo magnificas armas. Sempre que a columna atravessa uma das enormes e frequentes clareiras, é sabido que está envolvida n'um circulo de fogo atirado do bosque por mãos invisiveis. É raro vêl-os, sendo o nosso fogo um pouco ao acaso, concorrendo muito para que seja difficil descobril-os o empregarem nas suas armas a polvora sem fumo.

No seu armamento predominam as Kropatscheks e

Martin, tendo tambem Manl., Mauser, Snider e algumas de pistão. D'estas ultimas só ainda vi uma...

Para chegarmos ao Aucongo e mantermo-nos aqui emquanto se constroe um forte, perdemos 20 europeus e grande numero de solipedes; temos 65 feridos e as unidades montadas com um grande numero de animaes feridos. O meu esquadrão, que entrou em campanha com 90 cavallos, conta já 12 mortos em combate e 21 feridos, tendo alguns d'estes 5 e 6 balas no corpo!

Do pessoal conto um official morto (veterinario Pereira), outro ferido (tenente Martins), 2 praças mortas e 5 feridas, duas d'estas por duas vezes. Nas cargas os cuamatas atiram de preferencia sobre os cavallos, por ser melhor alvo e com o fim de fazerem prisioneiros.

Aucongo fica apenas a 13 kilometros do forte Roçadas! Parece que se chama a isto conquistar o terreno, palmo a palmo, e que ainda não hovesse campanha em Africa que custasse tantas vidas em tão pouco tempo. A embala do sóba ainda fica a 25 kilometros, a difficuldade do abastecimento irá augmentando gradualmente, as nossas forças vão sendo dizimadas, e eu não sei, nem ninguem sabe, se já tivemos pela frente a élite do exercito cuamata. Corre com insistencia que os caçadores d'officiaes são cuanhamas, homens experimentados na caça de feras, especialmente elephantes, e... não será possivel que vá augmentando o numero? Não se sabe, mas o que te garanto é que esta é uma rija campanha, e, se vencerem as nossas armas, como espero, quem escape terá muito que contar.

Um pequeno erro de commando, uma hesitação, um panico e... tudo estará perdido.

Feitos estes considerandos, ao correr da penna, vamos á nossa cavallaria, ao meu brilhante esquadrão, que

até hoje é a unidade que melhor occasião teve para se distinguir, como o proprio Roçadas disse em telegramma para o governador geral, que talvez fosse publicado em Lisboa.

No dia 26 de agosto marchou a columna do morro fronteiro ao Forte Roçadas, atravessou a celebre matta e foi bivacar na chana (clareira) Tchafunda, sem ouvir um tiro. No dia 27, ao romper do dia, pôz-se em marcha, e ás 9 $^{3}/_{4}$ marchava em quadrado na Chana de Mufilo, que deve ter comprimento de 6 kilometros, quando rompeu o fogo intensissimo sobre a cauda esquerda do comboio, que ainda não tinha entrado todo na chana. O meu esquadrão marchava por tres e por pelotões no flanco direito do comboio. Promptamente reuni-o e fiz um pequeno *discurso* ás praças, incutindo-lhes confiança e procurando convencel-os de que não havia pretos, por mais aguerridos e numerosos que fossem, que podessem aguentar o impeto de uma cavallaria disciplinada e bem montada, com confiança do seu chefe e atirando-se resolutamente para a frente. Vendo que os soldados respondiam levantando as lanças com vivas e gritando: — «Vamos a elles, commandante! Vamos a elles!» — confiado na minha gente, passei á rectaguarda do comboio e d'ahi ao flanco esquerdo, onde o fogo era mais intenso, e d'ahi a pouco o 2.° esquadrão, apoiado pelo 1.°, enristava lança e, cheio de enthusiasmo, carregava o inimigo, desalojava-o da orla do bosque e perseguia-o atravez do matto, produzindo-lhe baixas e ganhando logo prestigio. Os soldados pareciam loucos de alegria, atirando-se demasiado para deante, vendo-me eu obrigado a usar de meios energicos para evitar que me passassem á frente.

Durante esta carga a espada do clarim d'ordens (o do Barué) e a lança da minha ordenança, estavam sempre

Tenente Alfredo Martins de Lima, commandante do 2.° esquadrão de dragões

ao meu lado, não dando tempo a que qualquer pretalhão pudesse voltar-se contra mim, de fórma que pude entregar-me absolutamente ao commando do meu esquadrão de 90 cavallos em terreno tão difficil. Ao 113 vi eu dar uma cutilada no pescoço de um preto, que quasi lhe decepara a cabeça!!

Recolhi depois ao quadrado, já então empenhado em duro combate, deixando no campo um cavallo morto e trazendo gravemente ferida a minha reserva montada pelo ajudante.

No pessoal houve apenas ligeiras arranhaduras.

No quadrado tomei varias posições e formações conforme as necessidades, até que, ao meio dia, o Roçadas tendo já gasto muitas munições, com uns 12 mortos e muitos feridos, tendo já algumas unidades carregado a bayoneta e não cessando o fogo do inimigo, deu-me ordem para sahir pelo angulo S. W. e tentar desalojar o inimigo da orla do bosque fronteiro á face W. O esquadrão sáe ao trote em columna de tres, passa á columna de pelotões e á linha debaixo de fogo vivo, com correcção e garbo de campo de manobras e quando dei a voz de carregar, o esquadrão repete-a unisono e atordoadamente, enrista phreneticamente as lanças e, a tòdo o galope dos seus cavallos de sangue, n'uma cohesão irreprehensivel, atravessa n'um momento a chana e penetra no bosque, levando deante de si o inimigo que retira para a direita. O esquadrão evoluciona no mesmo sentido e vae perseguindo o inimigo que retira por lanços, fazendo sempre fogo, até ao angulo N. W.

Terminava ahi a minha missão, mas invade-me o desejo de bater todo o bosque que circumda o quadrado. Os atacantes da face W. reunem-se aos da face N. e esperam-nos abrigados com as arvores.—«Dragões! o inimigo, por

mais numeroso que seja, não poderá resistir ao nosso embate. Para a frente e a galope!» — Então, ora a trote atravez do matto cerrado, ora carregando quando o terreno o permitte, mudando frequentemente de formação e direcção para evitar que se collocasse entre a minha tropa e o quadrado, mandando fazer amiudadas vezes o signal do esquadrão, ou o toque de carga para indicar ao quadrado a minha posição, sempre debaixo de fogo, e vendo engrossar o inimigo de momento para momento, o esquadrão segue ávante ousadamente.

Cahem cavallos embrulhados no matto, cahem cavallos mortos, cahem cavallos feridos, mas no campo só ficam os cavallos mortos. Os cavalleiros apeados são defendidos até que montem novamente, ou tomem o caminho do quadrado pela zona batida. Percorremos assim proximamente 8 kilometros, fóra das vistas do quadrado e sabendo este da nossa existencia apenas pela fuzilaria do inimigo e pelos toques dos meus clarins.

Perto já do ponto de partida, todo o esquadrão grita angustiadamente: — «Estamos cercados, commandante! estamos cercados!» — Invade-me um passageiro receio vendo ser verdade o que elles diziam; o coração aperta-se-me. Indicando com a espada a direcção a seguir, exclamo com energia: — «Soldados! o nosso esquadrão quando se vê cercado abre caminho á ponta de lança. Carregar!» — A voz de commando é repetida com mais enthusiasmo do que nunca, e realmente as nossas lanças abrem caminho. O esquadrão volta ao quadrado depois de duas horas de combate encarniçado: á frente os clarins tocando a marcha de guerra, depois os feridos sobre cavallos e amparados por homens apeados, a seguir o esquadrão em linha primeiro e depois em columna de pelotões. Á nossa entrada no quadrado explude uma manifes-

tação enthusiastica; os officiaes dão palmas e bravos, os soldados sahem das trincheiras e agitando os chapeus levantavam vivas ao 2.° de dragões e ao seu commandante; o Roçadas vem com o seu estado maior felicitar-me pelo bom serviço prestado e pelo meu arrojo. Eu respondo que a gloria não é minha, mas sim dos nossos valentes soldados, o que provoca nova manifestação de enthusiasmo da marinha, que é a unidade que fica mais proxima. Só então reparo para o aspecto do meu esquadrão: todos negros de pó, esfarrapados, muitos sem chapeu. Nove cavallos cahiram mortos no campo, 14 estão feridos; ha 1 cabo morto e 4 soldados feridos, sendo 2 por duas vezes. Todos os ferimentos são d'armas de fogo e quasi todos de Kropatschek.

Pouco depois, o esquadrão sáe novamente para proteger a data d'agua a 800 bois com solipedes. O esquadrão esteve a cavallo n'esse dia perto de 12 horas, sem comer e quasi sem beber. De tanto gritar, a minha voz extinguiu-se por completo; fiquei aphonico. Os meus officiaes, Santos, Natividade, Martins e veterinario Pereira— todos muito bem. O Pereira, no ataque ao comboio, carregou de espada em punho valentemente; quando o esquadrão recolhia ao quadrado, modestamente embainhou a espada e foi retomar o seu logar, contra o que eu protestei, determinando: «O snr. tenente veterinario conserva-se na linha dos commandantes dos pelotões e de espada desembainhada, visto ter provado servir-se d'ella como qualquer dos officiaes combatentes». Pelas 5 horas, pouco mais ou menos, dirigindo-se commigo, chefe do estado maior e tenente Martins, a pé, para a ambulancia, uma bala de Kropatschek atravessou-lhe o pescoço e morreu 24 horas depois. Nem te sei exprimir a dôr e desgosto que me causou a morte d'esse amigo e valente official.

O hospital de sangue, um verdadeiro horror!...

Depois do combate do Mufilo, entrou o 2.º de dragões n'outro encontro a E. de Aucongo, tendo um soldado morto, o tenente Martins ferido e 2 cavallos feridos. Esse combate, em que tomou parte uma fracção da columna, foi dirigido pelo chefe do estado maior, e digo-te que me encheu as medidas. Foi um combate perfeitamente europeu, e a retirada, de noite, debaixo de fogo, um primor de serenidade e tacto. Distinguiu-se a companhia do Patacho.

Além d'estes combates, conta o esquadrão no seu registo reconhecimentos arriscados e escoltas de comboios, serviços que teem merecido geraes elogios e que não descrevo por não ter tempo.

Remetto-te copia dos elogios publicados em ordem á columna, referentes ao 2.º esquadrão.

Foram lidos com toda a serenidade em formatura geral do esquadrão, formando os contemplados na frente, e fazendo eu o elogio do esquadrão, testemunhando-lhes a minha absoluta confiança e incitando-os a sustentar o brilhante nome que para a nossa unidade tinham creado. Muitos d'elles choravam e a commoção era geral. Depois d'isso os meus officiaes, Benjamin á frente, vieram felicitar-me pelo merecido louvor e agradecer-me tel-os conduzido tão acertadamente em lances tão difficeis. Não sei bem porque, foi esta a manifestação que mais me impressionou.

. . . .

Para ti e para todos os amigos um grande abraço.

Teu velho amigo,

Alfredo.

A guerra contada pelo Major Roçadas

Todos estamos lembrados, por infelizmente ter havido motivo para isso, do desastre das nossas armas em 1904.

Se o echo das victorias crusa em todos os sentidos o sertão africano, com uma velocidade que causa espanto, a noticia de derrotas soffridas pelos brancos corre com uma rapidez vertiginosa.

Foi o que succedeu n'aquella epocha, e d'então para cá, o gentio em geral, e sobretudo o do sul e das margens do Cunéne olhava sobranceiro para nós.

Lembra-me ainda quando, em 1905, organisei a columna do Mulondo, ao passarmos na Quihita, região antes dos Gambos, o gentio que assistia á passagem da pequena força dizia para alguns auxiliares que lhes perguntavam a razão por que não atacavam as tropas: — «Na volta!» — tal era a convicção em que estavam de que seriamos mal succedidos.

Ao chegarmos ao Humbe, mandavam dizer os Cuamatas aos seus conhecidos do Humbe: — Diz ao branco que é melhor vir deixar as suas espingardas á nossa terra do que á do Mulondo.

Estas e outras chalaças davam a perceber o estado

de força moral em que vivia o gentio e o desprezo que nutriam pela efficacia das nossas armas.

Mas a felicissima jornada do Mulondo, em que pouco mais de 500 soldados nossos conseguiram encurralar um povo inteiro na embala, que era uma verdadeira fortaleza e offerecendo-lhes combater, desbaratal-os em pouco mais de duas horas de fogo, derrotando-os inteiramente, tomando-lhe a embala n'um assalto á bayoneta, infligiu-lhes perdas enormes e grande numero de prisioneiros e ainda para coroar a empresa, a morte do sóba, a feliz jornada do Mulondo, como digo, fez melhorar, em grande parte, aquella opinião deprimente.

O gentio então já espalhava aos 4 ventos que o branco era doido — pois mesmo contra o fogo do inimigo corria para a embala e arrancava á mão a estacaria.

No anno seguinte, isto é, anno passado, continuando no nosso systema de não dar folga ao preto e de obrigar a consumir os seus melhores elementos de guerra, — os cartuchos — emprehendemos as primeiras operações no Cuamato e batalhas de Muenna, Jan, Batebate, e Pocolo.

No Cuamato, sobretudo, assentamos o nosso pé definitivamente, construindo um forte além Cunéne.

Tão pouco lhes agradou a nossa visinhança na propria casa, que por duas vezes vieram atacar o forte, sendo repellidos com perdas.

Este anno, finalmente, proseguindo no anterior systema e aproveitando o forte além Cunéne para ponto de partida de uma expedição, lembrava eu, ao então governador Eduardo Costa, no meu relatorio, a necessidade inadiavel de se occupar de todo o Cuamato.

D'ahi só nos podia resultar vantagens politicas e economicas. Pouco depois recebi um telegramma do mesmo governador para que com a brevidade possivel elaborasse

um projecto d'operações, projecto que conclui em poucos dias e que tive a satisfação de vêr approvado pelo mesmo saudoso governador e pelo actual governo.

Em 12 de março chegava a Lisboa e tratava desde logo de preparar tudo o necessario para as operações que deviam ter principio nos fins d'agosto. Contingentes europeus do exercito do reino, material de artilheria, sapadores, de construcções de illuminação, dos telegraphos, etc.

No dia 1 de maio embarcaram em Lisboa os primeiros contingentes, chegando a Huilla em junho.

Em 8 de agosto, tinha quasi postos no Humbe, a 500 kilometros da costa, perto de 900 toneladas de mantimentos e materiaes para a expedição. Isto é, em 5 mezes estava a columna preparada, mobilisadas as unidades e serviços essenciaes e dava-se começo á marcha de concentração para o Cunéne.

Para o transporte de viveres, forragens, etc., do littoral ao Cunéne, utilisou-se a linha ferrea de Mossamedes, que chegou a dar o rendimento diario de 20 toneladas e os carros de bois do districto, cujo numero em circulação deve ter andado por perto de 400 carros, e 7:200 a 7:500 bois de tracção.

Nos fins d'agosto chegava eu ao Cunéne com o estado maior e organisava desde logo a columna.

Na manhã de 26 do referido mez de agosto, pelas 8 horas, achava-se a columna formada na disposição de marcha, prestes a internar-se no Cuamato.

Era este, por assim dizer, um paiz lendario. Dizia-se que era inaccessivel, coberto de matto espesso; o solo era areal, agua não havia.

Uma expedição que n'elle se entranhasse, arriscar-se-ia a morrer ás mãos de multidões aguerridas, cheias

de basofia e força moral, ou a morrer á sêde, ou então retirar por ser impossivel demorar n'aquelle sertão de gente feroz, numerosa, bem armada e selvagens congeneres dos visinhos, que tanto trabalho deram aos allemães.

Um dos problemas que mais cuidado nos dava era o

Embala do Cuamato Grande

da agua para o pessoal e animaes. A casa Leférre de Paris não apromptara a requisição de 20 carros requisitados em tempo: tivemos, pois, de substituir, por 14 tanques de zinco com a capacidade de 2:000 litros, tanques que foram acondicionados em carros boers, levando assim 28 toneladas d'agua, a sufficiente para 2 ou 3 dias. Viveres e forragens levamos para 7 dias.

Na manhã de 26 d'agosto largavamos do Cunéne. Marcharamos em 3 columnas por tres caminhos que foi necessario abrir a machado.

Quando se entrava nos claros, ou matto ralo, o dispositivo da marcha podia ser o quadrado, cujas faces constituidas pelos respectivos escalões caminhavam em linha desenvolvida, ou em atiradores, ou ainda em columna de companhia, ou mesmo columna de secções de costado, por ser uma formação de grande flexibilidade. A artilheria guarnecia os angulos e as faces do quadrado.

Sepultura dos expedicionarios mortos no combate de Mufilo

O comboio era constituido por 27 carros boers, a 2 de frente, e apresentava uma profundidade grande.

A escolta do comboio era grande e muito capaz de o defender em caso de ataque.

Era da 16.ª companhia indigena (200 homens), segundo esquadrão de dragões (100 homens), parte do primeiro esquadrão e pessoal não combatente, estropiados e pelos auxiliares portuguezes e boers.

A profundidade total da columna em marcha era de 1 kilometro.

Com esta disposição das forças facilmente se passava á formação de combate.

Nada mais havia que fazer. Alto, e o primeiro escalão desenvolvia os seus pelotões em atiradores, os segundo e terceiro cerravam sobre a frente e volviam á companhia, o quarto escalão, depois de recolher todo o comboio, fazia meia volta e procedia da mesma fórma.

Nas tres campanhas que tive a honra de dirigir (1905-06-07), considerei sempre como bom principio a seguir não guardar segredo dos topicos principaes do plano d'operações, que entendi sempre levar ao conhecimento das tropas, afim d'estas estarem tanto quanto possivel ao facto do que se pretendia d'ellas.

Assim, antes do inicio das operações prócurei prever todas as hypotheses de guerra que de tal inimigo podia esperar, e para cada hypothese elaborei os movimentos a fazer.

Preparadas assim as forças de fórma a evitar surprezas, passo agora a descrever a fórma como corresponderam ao que sempre d'ellas esperei.

A marcha de 26 foi feita sem o menor accidente, apenas a necessidade de alijar alguma carga de alguns carros alemtejanos que transportavam munições.

A difficuldade de derruba do matto tambem atrazou um pouco a marcha, até que acamparam na chana de Tchafunde sem ter apparecido até ali o inimigo.

Na manhã de 27 proseguiu-se a marcha.

O nosso objectivo era ir ficar ás cacimbas de Aucongo. Atravessaramos a chana sem novidade. Na frente, a boa distancia, a cavallaria e os auxiliares em exploração.

Pelas 9 horas da manhã, quando a columna se adeantava já muito da chana, as patrulhas de communicação davam aviso de que os exploradores avistaram o gentio.

De facto, os cavalleiros e auxiliares em grupos, ti-

nham feito alto ao longe, na estreita faxa de matto que separava a chana onde caminhamos da chana proxima do Mufillo.

Instantes depois desembocavamos na chana Mufilo, extensa planicie de capim, sem que nós, os mais adeantados, lograssemos avistar o inimigo.

Depois de terem entrado na planicie os tres primeiros escalões, tendo avançado cerca de 700 metros para dar logar ao comboio e ao quarto escalão, fez-se alto.

Quasi no mesmo momento ouviram-se os primeiros tiros na cauda da columna, que ainda se achava internada no matto.

Eram o primeiro esquadrão e a 16.ª companhia indigena que defendiam os ultimos carros do comboio das investidas do inimigo, que começara por ali o ataque, que rapidamente se generalisou, envolvendo-nos o inimigo quasi n'um circulo de fogo.

O meu primeiro cuidado era saber se o comboio já estava todo dentro do quadrado, e, emquanto os outros escalões tomavam a ordem de combate, dirigi-me á rectaguarda, verificando com toda a satisfação que o comboio apesar do grande chuveiro de balas, formou nas disposições regulamentares, tanto quanto o permittiu a occasião.

Foi uma bella operação, esta.

Deve-se á firmeza e denodo da escolta que, desenvolvendo-se em atiradores, aguentaram por 1 hora toda a furia do inimigo.

Esta curta lucta custou-nos 5 homens feridos e 7 solipedes fóra de combate.

Estava travado o duello ha tres annos esperado.

Tanto de um lado como do outro, se presentia que era uma lucta de vida ou de morte.

Tambem o inimigo empregou toda a sua força.

Estavam ali os cuamatas cheios de força moral, nossos tradicionaes inimigos, as mais aguerridas e ferozes tribus d'além Cunéne.

Os proprios cuanhamas, apenas das boas relações comnosco, ligaram-se na defeza commum.

Informaram-nos que Nande mandára tres ou quatro mil homens bem armados.

Os cuambos são atrevidos guerreiros, destinados sobretudo ao choque á arma branca.

Eram 9 e 45 da manhã, quando todo o campo estava sob um chuveiro de balas, no mais acceso da lucta. Já cahira ferido o meu ajudante, alferes Velloso; o commandante da 14.ª companhia indigena tinha o braço atravessado por uma bala; ao commandante da 2.ª companhia europeia duas vezes lhe furam o chapéu; o commandante da 1.ª companhia europeia, idem; o cavallo do chefe do estado maior cahira morto com a cabeça atravessada por uma bala. A ambulancia começava a povoar-se.

Os projectis cruzavam-se em todos os sentidos; não havia um logar seguro.

O nosso fogo, a principio desordenado, começava a regularisar-se.

A ambulancia crescia e a sêde devorava a todos.

Era quasi meio dia quando relanciei os olhos pela orla; o fogo continuava intenso.

Comprehendi que seria forçado a acampar ali, pois que o inimigo implacavel não dava a lucta por terminada nem mesmo á noite.

Depois de varias manobras, dei ordem para construir umas trincheiras. As segundas fileiras largam as armas e sob o fogo do inimigo enchem de terra os saccos vasios.

As primeiras fileiras e artilheria continuam o fogo.

Excellentes soldados para o combate. Relegados da sociedade por defeitos de caracter ou por defeitos das leis, não perdem nunca as tradicionaes qualidades que tornam o soldado portuguez o primeiro da Europa; — bravura, sobriedade, despreso pela vida.

A onda inimiga após a passagem dos cavalleiros e as cargas da infanteria, aflue de novo. Novas cargas de infanteria se succedem.

Já passa da 1 hora, e o inimigo parece estar esgotado. O seu fogo cessa em alguns pontos.

Não admira, a resistencia é heroica, é tenaz.

Capacitaram-me de que já não havia outro 1904.

Á 1 hora da tarde entram no quadrado os esquadrões de cavallaria depois de terem batido toda a floresta.

As trincheiras estão promptas e as forças começam a abrigar-se.

Mas o inimigo não desiste. Atiradores escolhidos postados atraz de montes de *salalé* e das arvores fuzilam-nos quasi á queima-roupa.

Ordeno que saia um pelotão de marinha para o matto. É o terceiro pelotão sob o commando do tenente Martha, que, com passo cadenciado como em parada, lá vae direito ao seu objectivo.

O primeiro grumette protege com o seu corpo o seu commandante, cáe ferido, mas levanta-se e continúa no seu papel, dizendo para o tenente Martha — eu já estou ferido mas não importa, livre-se o meu commandante!

O primeiro pelotão não basta; sáe outro e ainda outro que, em accelerado, reforça aquelles.

A tanto esforço o inimigo afrouxa e cede o logar.

O fogo do inimigo já se limita a fogos isolados de atiradores a que respondem os nossos atiradores especiaes.

Assim veiu encontrar-nos a noite protectora ou traiçoeira.

Roçadas completa assim a narração do combate:

Pelas 9 e meia da manhã havia um fogo vivo em volta do quadrado. Os nossos homens resistiam valentemente; o inimigo atacou com violencia até á uma hora e meia. Depois, até ás 3 e meia, foi afrouxando. Começaram então os tiros isolados, disparados de cima das arvores e por detraz dos monticulos de *salale.* A infantaria teve que carregar varias vezes; partia n'um impeto, chegava a internar-se no matto. No primeiro ataque commandava o capitão Patacho, no segundo Schiappa, no terceiro o 1.º tenente da armada, Victor de Sepulveda. Pelo meio-dia vi que o inimigo não abandonava o fogo e vi tambem que tinhamos de pernoitar ali. Mandei levantar trincheiras. Eram feitas com saccos de terra e n'ellas nos recolhemos.

Então, essas trincheiras, assim feitas, foram uma innovação. Lembrei-me de as armar d'aquelle modo. Cada soldado levava quatro saccos vazios; por cada grupo havia uma pá especial. Emquanto a primeira fila respondia ao inimigo, a segunda erguia as trincheiras, e, logo que estavam concluidas, ficavamos atraz d'ellas, como n'um baluarte, evitando assim maior numero de baixas. No Mufilo foram levantadas debaixo do mais ardente tiroteio. Durante a construcção d'esses abrigos mandei sahir os esquadrões que foram pela rectaguarda do quadrado. O segundo esquadrão ia á frente, commandado por Martins de Lima. Partiram a trote, metteram-se no espesso matto, até 2 kilometros de distancia, e varreram-n'o!

Ás 3 horas houve nova carga, ainda feita pelo 2.º esquadrão para repellir o inimigo, que atacava o flanco

direito da columna, n'essa occasião envolvido. Os soldados, ao verem como estavam no meio do matto, ao sentirem o fogo do inimigo, bradaram: — «Commandante, estamos cercados!» E Martins de Lima, volveu n'm berro, que era uma heroicidade:

— Rapazes! O 2.° esquadrão, quando está cercado, carrega!...

Travou-se mais rijo o ataque. Venceram, e, quando regressaram ao quadrado, vinham em ordem e ao som da marcha de guerra. De todos os lados irromperam palmas e vivas; aquelles soldados applaudiram sem inveja os seus camaradas, que estavam verdadeiramente commovidos.

No primeiro combate em que entramos estavam todos os povos do Cuamato, menos o *evhale*. Havia *cuanhamas*, com doze *lengas* e perto de 5:000 homens; *barantus*; *cuambis*; *ganguellas*, e *hingas*. Eram uns 15 a 20:000 negros, dos quaes 7:000 armados de boas espingardas. Fizemos-lhes muitas baixas; obrigamol-os a retirar e dos nossos lá ficaram 10 brancos e 3 indigenas mortos, e 39 brancos e 19 indigenas feridos. Morreu o pobre veterinario Pereira.

No Macuvi, ouvi zumbir muitas balas. Ao meu lado, o guia Caripalula foi ferido no quadril e n'um pulso.

Caripalula é um principe; é d'uma familia de sóbas e pretendia o poder.

Guerreavam-n'o, e elle então deliberou fugir para os portuguezes. Tem um irmão que lhe pediu para não deixar a sua terra, pois que nós o matariamos. Não o quiz ouvir. Uma noite partiu; vinha correr a aventura. Foi então que os seus o atacaram no Cuamato, n'aquella noite de fuga, receosos de que chegasse até nós. Bateu-se, luctou, conseguiu escapar. Foi o que ouvi d'elle; é esta a sua

historia. Então prometti-lhe sobado, e que o faria rei na sua terra, e quando tomamos a embala, disse-lhe:

— Caripalula! Tudo isto é teu!...

Baixou-se n'uma cortezia; bateu as palmas e exclamou cheio de jubilo: *Queto! Queto! Queto!* o que quer dizer: obrigado!

Mandei chamar o gentio para lhe prestar vassallagem. Em tres dias appareceram innumeros cuamatas e deante das tropas ia dar-lhes Caripalula como seu rei e seu senhor... Estava tudo prompto para a ceremonia. Os negros acocoravam-se no chão e falavam serenamente entre si. Pareciam bonzos na sua immobilidade; só os labios se mexiam.

Caripalula veiu até mim e disse-me:

— Senhor! Elles não me querem. Não estão satisfeitos!...

— Porque o sabes?! — perguntei, n'um impeto.

— Porque os novos, os rapazes, sahiram sem me saudar!

— Que importa?!

Mas Caripalula afastou-se tristemente, a cabeça pendida, n'um desalento.

Ia a encaminhar-se para o local onde já as tropas aguardavam o momento em que Caripalula seria rei. Era n'uma manhã linda. A nossa bandeira fluctuava ao vento. Caripalula, de novo se approximou:

— Que queres?

— Senhor! Quero ficar ao pé do snr. governador!...